REVISTA Língua & Literatura
ISSN 1984-381X

Leitura da Literatura Indígena pelo viés da estética da recepção

Reading Indigenous Literature with the help of reception theory

Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli[1]
Adriane Ester Hoffmann[2]

Resumo: Refletir sobre a relação do texto com o leitor é o principal objetivo deste trabalho, que toma a literatura indígena como possibilidade de leitura capaz de problematizar conceitos, desconstruir estereótipos e promover a reflexão sobre a presença dos índios na história brasileira, formando leitores críticos e competentes. Nesse viés, a pesquisa pretende colaborar no avanço das investigações acerca da importância da estética da recepção, enquanto estratégia de conhecimento da obra literária, uma vez que esse método permite uma abordagem diferenciada para o resgate dos conhecimentos prévios do leitor acerca da temática indígena, ampliando assim, seus horizontes de expectativas. Utilizamos como proposta de análise a obra *Ajuda do Saci Kamba'i*, escrita por Olívio Jekupé, que possibilita experienciar uma proposta intercultural, visto que a obra aborda o contato do índio com o outro, valorizando uma educação para a diferença. A pesquisa tem como referencial teórico os estudos de Thiél (2012), que afirma que a leitura de obras da literatura indígena problematiza conceitos e desconstrói estereótipos. Também, Graúna (2013), pesquisadora e professora universitária de origem indígena, ao afirmar que a literatura dos povos autóctones é um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), instrumento de luta e sobrevivência. Os estudos de Zilberman (1989) e Jauss (1994) estão presentes para legitimar conceitos e reflexões sobre a estética da recepção evidenciadas durante toda análise. Em relação ao papel determinante das estratégias de leitura para a compreensão do texto literário, discorremos sobre as considerações realizadas pelo professor Max Butlen (2012a, 2012b, 2008, 2016). A narrativa de Olívio Jekupé é propícia à aplicação desse referencial teórico, pois convoca constantemente o leitor ao entendimento da contribuição dos povos indígenas à cultura brasileira enquanto personagens da literatura, promovendo uma reflexão sobre a perpetuação de ideias estereotipadas na sociedade e, principalmente, ampliando o seu horizonte de expectativas.

[1] Graduada em Letras - Português/Espanhol e respectivas Literaturas, especialista em Análise do Discurso e mestre em Letras, área de concentração Literatura Comparada, pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW). Doutoranda e bolsista institucional no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). ritacassiafumagalli@gmail.com

[2] Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS); Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Professora titular da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW) adriane@uri.edu.br

Palavras-chave: Leitura. Leitor. Literatura Indígena. Estética da Recepção. Olívio Jekupé.

Considerações iniciais

A leitura de obras da literatura indígena ressignifica conceitos pré-estabelecidos e desconstrói estereótipos cristalizados na sociedade. Da mesma forma, promove a reflexão sobre a presença dos índios na história e sobre a forma como sua palavra e tradição narrativa/poética são apresentadas em sua especificidade.

Buscamos evidenciar, neste trabalho, a forma pela qual a leitura das textualidades produzidas pelos grupos indígenas cria um efeito estético, que auxilia a recepção desses temas por leitores que costumeiramente não discutem tais problemáticas. Pensando na importância do papel do receptor do texto no processo de leitura, optamos pela utilização do método "Estética da Recepção" proposto por Jauss (1994), com a finalidade de compreendermos como o leitor constrói o significado durante a leitura.

A Estética da Recepção surge como uma provocação ao leitor, à leitura literária e à dialética texto/leitor, visto que o estudo da recepção manifesta a importância do leitor na coprodução do significado do texto e destaca a ativa implicação do indivíduo receptor na atribuição de significados durante o ato de leitura. Nesse sentido, podemos precisar que ler não é somente decodificar os signos do sistema da língua, como também construir significados.

Assim, buscamos ressaltar que sem o texto não há leitor e sem leitor o texto fica condenado à letra, à morte. Ao investigarmos a importância do texto indígena e do próprio leitor para o processo de leitura, estamos também abordando o "Ato de Leitura", ou seja, do prazer do texto ao gozo na leitura, à luz da Estética da Recepção.

Segundo Terry Eagleton (1997, p. 98), esse "Ato de leitura" emerge da relação do leitor com outros textos, ou seja, ao interpretar uma obra o leitor faz relações com obras já lidas no passado, assim surgem novas possibilidades de emergir um novo significado para o texto: "Quando a obra passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem ser dela extraídos". A partir disso, de acordo com a sua posição histórica e experiências anteriores, o leitor vai conquistando, aos poucos, seu papel como produtor de sentidos.

Para sustentar nossa discussão teórica, partimos inicialmente das considerações sobre a literatura indígena, a partir dos estudos de Thiél (2012), que afirma que a leitura de obras da

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

literatura indígena problematiza conceitos e desconstrói estereótipos. Também, Graúna (2013), pesquisadora e professora universitária de origem indígena, ao afirma que a literatura dos povos autóctones é um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), instrumento de luta e sobrevivência. Os estudos de Zilberman (1989) e Jauss (1994) estão presentes para legitimar conceitos e reflexões sobre a estética da recepção evidenciadas durante toda análise.

Utilizamos, ainda, algumas considerações discutidas pelo pesquisador francês Butlen (2008, p. 13) que afirmar ser importante abrir novos horizontes de leitura, não apenas da cultura clássica, mas de outros tipos de escrita e suportes. Destaca que cada experiência e cada prática cultural devem ser respeitadas, levando em conta suas especificidades e também permitindo intercâmbios entre culturas regionais, culturas inter-regionais, nacionais, internacionais - do passado, do presente e do futuro.

Para ilustrar nossa explanação teórica, utilizamos a obra *Ajuda do Saci – Kamba'i*, do escritor indígena Olívio Jekupé, a fim de identificar de que forma o autor utiliza o imaginário como recurso estético de sua produção, objetivando atrair o receptor e fazendo-o desvincular o que é lido da realidade imediata, permitindo que se envolva com o texto, ajudando-o a apreciar o que está lendo.

O método recepcional compreende o leitor como essência do processo dialógico com o texto. Em vista disso, esse trabalho pretende contribuir para a ampliação da experiência leitora do receptor ao entrar em contato com narrativas produzidas pelos povos indígenas. Acreditamos que com a finalização do estudo os resultados possibilitarão compreender valores, diferenças e semelhanças manifestadas pela obra de Jekupé por meio da recepção literária.

Literatura indígena: um despertar para o outro

A literatura indígena exerce importante papel na construção do conhecimento cultural e coletivo, pois molda ideias, crenças, ideais históricos e éticos. Ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade. Segundo Thiél,

> a leitura de obras da literatura indígena problematiza conceitos, desconstrói estereótipos, promove a reflexão sobre a presença dos índios na história e

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

> sobre a forma como sua palavra e tradição narrativa/poética são apresentadas em sua especificidade. (THIÉL, 2012, p. 12).

Nessa perspectiva, observamos que os povos indígenas, no Brasil, estão utilizando cada vez mais o processo de escrita e organização social, porém sem deixarem seus costumes e crenças desaparecerem. A escrita, para o índio, surge como forma de resistência e começa a ganhar espaço junto às demais minorias excluídas, representando assim um ato de ascensão social e de integração à cultura dominante. Graça Graúna, pesquisadora e professora universitária de origem indígena, evidencia que a literatura dos povos autóctones é um lugar utópico. Conforme a autora,

> [...] a literatura indígena contemporânea é um lugar de sobrevivência, uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones. (GRAÚNA, 2013, p. 15).

Segundo Zilá Bernd (2003, p. 15), essas literaturas fortemente voltadas para a consolidação de um projeto identitário em que o sujeito emergente procura apropriar-se de um espaço existencial, estão destinadas a "desempenhar um papel fundamental na elaboração da consciência nacional". Desse modo, a leitura e a discussão de obras da literatura indígena contribuem para a construção da cidadania, para o respeito à diversidade e para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Dos mais de cem autores indígenas, o escritor Olívio Jekupé destaca-se no cenário literário brasileiro, pois busca, através de suas obras, promover à sociedade brasileira não indígena o conhecimento acerca de sua etnia, seus mitos e suas crenças.

Nessas condições, a literatura de Jekupé (2006) busca defender uma causa coletiva e afirmar as identidades e ideologias de sua comunidade. Essas literaturas construídas pelos indígenas desempenham um papel muito importante na desmistificação de outros discursos, principalmente com os dos não índios, que em sua maioria tendem a ser preconceituosos, equivocados e até mesmo primitivos.

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

Estética da Recepção: uma relação dialógica entre o leitor e o texto

A teoria da Estética da Recepção objetiva estudar as formas como o leitor constrói o sentido de uma obra a partir de seu modo de estar no mundo. Para a Estética da Recepção, ler é acima de tudo uma atividade criativa. Quando um leitor lê determinado texto não o lê como um objeto isolado em um determinado espaço, a leitura vem acompanhada de uma intertextualidade, ou seja, o leitor não realiza apenas um diálogo entre textos lido anteriormente, além dessa relação, acrescenta a sua própria experiência de vida a esse diálogo, o que influencia no processo de construção de sentido do texto.

Assim, se o sentido do texto é afetado pela percepção subjetiva daquele que o apreende por meio da consciência, o ato de ler significa, sobretudo, (re) criar o texto, nesse processo, o leitor pode ser considerado peça fundamental no processo de leitura como afirma Zappone,

> Seja individualmente, seja coletivamente, o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que lê. A materialidade do texto, o preto no branco do papel só se transformam em sentido quando alguém resolve ler. E, assim, os textos são lidos sempre de acordo com uma dada experiência de vida, de leituras anteriores e num cero momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na construção do processo de significação desencadeado pela leitura de textos (sejam eles literários ou não). (ZAPPONE, 2009, p. 189).

Esse leitor, com novo *status*, é o principal elemento da Estética da Recepção, por isso, a figura do leitor e o ato da leitura são considerados muito importantes para a caracterização do fato literário.

Hans Robert Jauss é considerado o mais importante representante das teorias que se orientam para o aspecto recepcional, a expressão "Estética da Recepção" surgiu baseada em suas ideias. Para o teórico, o caráter artístico de um texto é dado pelo efeito que o mesmo causa em seus leitores. Jauss (1994) formula uma teoria literária diferenciada do marxismo e estruturalismo, enfatizando o conhecimento do texto com a interpretação do leitor, tendo como leitor o mais importante elo no processo literário.

Segundo Jauss (1994) é nos leitores que se encontram as bases para a verificação do valor estético de um texto. Assim como o nexo que liga as obras numa sucessão histórica, o significado histórico e o valor estético dos textos estariam demonstrados pela sucessão de

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

recepções que os mesmos teriam. Depois de apresentar seu ponto de vista sobre como unir história e estética, Jauss (1994) propõe-se a fundamentar essa nova metodologia de reescrita da história literária. Para tal, lança mão de sete teses, onde expõe conceitos básicos de sua proposta.

Primeiramente, a literatura, em sua natureza histórica, se dá perante o processo de recepção e efeito de um livro. Entre o leitor e o texto ocorre, segundo Jauss (1994), uma relação de dialogismo, isto é, o acontecimento primordial da história da literatura, "[...] a obra mostra-se mutável, contrária à sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo." (ZILBERMAN, 1989, p. 33), para Zilberman o leitor é quem tem a capacidade de desenvolver a historicidade, que coincide com atualização.

Jauss (1994) faz uma advertência, na segunda tese, sobre a experiência literária do leitor, uma vez que, para descrevê-la, a psicologia não é essencial e, sim, o "saber prévio" que possui caráter virtual e determinador. As obras mesmas são consultadas, não fazendo necessária a consulta às pessoas, pois cada obra "[...] não se apresenta como novidade absoluta num vazio informativo, se não que "predispõe seu público por meio de indicações, sinais evidentes ou indiretos, marcas conhecidas ou avisos implícitos"". (ZILBERMAN, 1989, p. 34). Nesse sentido, o horizonte de expectativa pode ser reconstruído ou demarcado de forma objetiva.

A terceira tese, contudo, trata de reconstituir o horizonte. Nessa tese, Jauss (1994) propõe a "noção de distância estética", uma forma de medir o caráter artístico de um texto. Essa noção é entendida por ele como o afastamento ou não-coincidência entre o horizonte de expectativa preexistente do público e o horizonte de expectativa suscitado por uma nova obra. Se for pequena a distância estética entre o horizonte de expectativa do público e o da obra, Jauss nomina a arte de "culinária" ou "ligeira" (ex.: best-sellers, romances femininos de banca de jornal). Se, ao contrário, aumentar a distância estética entre os horizontes de expectativa do público e da obra, o valor estético da obra é maior e a obra transforma-se em um "novo sistema literário de referência" (ex.: textos de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, entre outros).

A valorização do caráter estético de um texto é efetuada por quem o recebe, ou seja, o leitor. O horizonte de expectativa trazido pela nova obra transforma o horizonte de

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

expectativa do leitor. Esse novo horizonte passa a ser o novo sistema histórico-literário referencial para as novas leituras.

Jauss (1994, p. 37) posiciona-se na quarta tese contra os métodos do objetivismo histórico nos estudos literários, que imaginam o trabalho de interpretação como o simples "descortinar do sentido atemporalmente verdadeiro de um texto". Essa fase possui um compromisso com a hermenêutica, a mesma relaciona a ligação do texto com a época histórica em que surgiu. Ao se reconstituir o horizonte de expectativas, descobre-se como o leitor da época pode notar a obra, entendendo-a e recuperando dessa forma, a metodologia de comunicação a qual se instalou, "uma vez que essa reconstituição é de suma importância, pois fornece as indicações a essa troca decorrente entre o leitor e o texto". (ZILBERMAN, 1989, p. 36).

Segundo Zappone (2009, p. 196), a reconstrução do horizonte de expectativa de uma obra é importante, pois ela permite que se conheça a história do efeito, ou seja: "o modo como o próprio ato da compreensão está abarcado pela história [...]". Conforme Jauss (1994), a própria consciência que interpreta um texto (leitor, público, críticos) está envolvida num processo histórico que afeta o modo como esse texto é lido.

Para Jauss (1994) o primeiro contato com a experiência estética começa durante a sintonia do leitor com o *efeito* estético de uma obra, na *compreensão fruidora* e na *fruição compreensiva*. Sabemos que ao serem feitos os textos, tanto literários quanto utilitários, eles não têm a intenção primeira de serem interpretados, ao contrário eles são feitos para o leitor. Conforme Zilberman (1989, p. 53), esse leitor apenas gostará de uma arte se conseguir entendê-la (fruição compreensiva) e só compreenderá o que aprecia (compreensão fruidora), ambos os processos simultâneos, que resgatam, valorizam a experiência estética e produzem um efeito.

Concernente a esse pensamento, o professor e pesquisador Max Butlen (2012a, p. 12), discorre sobre o processo de compreensão e interpretação do texto literário, evidenciando que a "compreensão reenviaria à aptidão para captar o que o texto diz, explícita ou implicitamente". Nesse processo, Butlen (2012a) discute sobre a compreensão literal e a compreensão por inferência, conceitos que se relacionam à experiência estética pensada por Jauss (1994). A compreensão por inferência, conforme o autor,

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

> se baseia, tradicionalmente, na construção de informações novas, a partir da colocação em relação de dados textuais (ou na mobilização de conhecimentos exteriores ao texto), no tratamento dos brancos e silêncios textuais, para extrair, sem contrassenso, o que é dito ou subtendido pelo autor. (BUTLEN, 2012a, p. 12).

A interpretação, ou compreensão literal, por sua vez, "consistiria em questionar o escritor para além do que eles anunciam à primeira leitura, para elucidar o que tentam nos dizer por outra via e por acréscimo". (BUTLEN, 2012a, p. 12). As duas concepções interessam-se pela produção do sentido de um texto e acionam um jogo de atividades cognitivas diferentes, pois dizem respeito tanto à elaboração de inferências quanto à construção da significação global do texto ancoradas na utilização de informações que proveem do texto. Assim, conforme Butlen (2012a, p. 12) para que seja possível construir o sentido de um texto deve-se levar em conta o seu todo "compreender um texto em sua totalidade e em seus detalhes, em situação nas quais conteúdo e forma são familiares".

Dessa forma, o processo de recepção do texto literário está intimamente ligado ao papel que o leitor assume frente ao texto literário e pela forma com que dialoga com ele, o que possibilita uma compreensão fruidora, e, consequentemente, a experiência estética na leitura desses textos.

Nesse processo, tanto Jauss (1994) quanto Butlen (2012a) reconhecem a importância do papel do leitor para a completude do texto literário e sugerem que o texto apresenta características e convenções, como estratégias textuais de ordem estilística, linguística e formal que orientam o leitor para a concretização de sentidos do texto.

A leitura da literatura indígena pelo viés da estética da recepção valoriza sua produtividade discursiva e os contextos de sua produção e recepção. Os livros produzidos pelos povos indígenas abordam problemas sociais e psicológicos, assuntos que geralmente interessam ao leitor possibilitando-lhe a reflexão e a opção por comportar-se de forma mais justa e mais autêntica.

Nesse contexto, o método recepcional proposto por Jauss (1994) pode ser tomado como uma possibilidade de trabalho eficiente no ensino e leitura da literatura indígena, pois se encontra diretamente ligado ao que vem sendo proposto e estudado em várias pesquisas centradas no leitor e na leitura. O método recepcional encontra, dessa forma, similitudes com a concepção de interpretação evidenciada por Butlen (2012, p. 14), na medida em que

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

proporciona “refletir sobre o conteúdo e a forma dos textos, mobilizando conhecimentos sobre os textos e sobre o mundo, ou ainda, de elaborar hipóteses, um ponto de vista ou um julgamento crítico sobre um texto”.

Assim, o contato do leitor com a obra literária indígena mobiliza experiências e conhecimentos prévios. Diante das considerações abordadas, evidenciamos na análise da obra *Ajuda do Saci – Kamba’i*, de que maneira as questões propostas pela estética da recepção podem influenciar e até mesmo determinar o sentido e a compreensão do texto literário indígena. Tomamos como base para a análise as sete teses propostas pelo teórico Jauss (1994).

Kamba’i: **uma proposta de leitura pelo viés da estética da recepção**

Como vimos, o ato de leitura de uma obra literária é pessoal e intransferível. Nesse processo, o leitor mobiliza experiências e conhecimentos prévios com o objetivo de observar o vocabulário, a temática e as questões linguísticas em uma obra. Diante disso, as pesquisas voltadas à recepção servem-se de aspectos vivenciais do leitor para mostrar de que maneira essas experiências influenciam e até mesmo determinam o sentido de um texto.

Ao ter contato pela primeira vez com uma obra de autoria indígena, o leitor é apresentado a um estilo particular de criação literária, que se estrutura na tradição oral e no pictórico, ou seja, no desenho, nos símbolos, nos significados, no mítico. Essa multiplicidade de textualidades contribui na produção de diferentes sentidos, despertando o imaginário do leitor. São histórias carregadas de teor poético e filosófico, cheias de aventuras, ensinamentos, misticismos e reflexões sobre nossos medos, valores sociais e relações entre diferentes culturas.

Nessa perspectiva, a literatura indígena infanto-juvenil dialoga a todo o momento com o seu leitor, mobilizando conhecimentos de mundo e apresentando uma imagem diferente sobre cultura, riqueza e sabedoria desses povos.

Com relação aos autores ‘de sangue indígena’, Olívio Jekupé destaca-se como um dos mais importantes nomes da literatura nativa no Brasil. Sua preocupação com o empoderamento dos grupos indígenas é notória, principalmente no que se refere à literatura nativa, postulando que é preciso que os grupos indígenas tomem a autoria de sua própria história. Segundo Jekupé,

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

> [...] faz tantos séculos que o Brasil foi dominado pelos jurua kuery, não índios em guarani, e desde aquela época, tudo o que se fala sobre nossos parentes é escrito por eles. Eu não via isso como algo interessante, porque nós temos que contar nossas histórias para nossos filhos e se tiver que ser escrita, por que não pelo próprio índio? (JEKUPÉ, 2009, p. 11).

A literatura escrita pelos povos indígenas surge, assim, como um caminho aberto na História do Brasil para combater o preconceito literário e o descaso com que a literatura indígena é tratada, considerada, muitas vezes como inferior a outras obras literárias.

Os manifestos narrativos de Jekupé se transformam em convite para que nos tornemos "porta voz" de uma história que procura testemunhar o problema da colonização e a imagem preconceituosa e equivocada a respeito dos índios e de mestiços no cenário da literatura brasileira.

Na obra escolhida para análise *Kamba'i - Ajuda do Saci,* Jekupé (2006) apresenta ao leitor um texto bilíngue (português-guarani), fato evidenciado pelo uso, no título do livro, da palavra "Kamba'i", que significa Saci na língua guarani. A obra de Jekupé é marcada pelo desejo do autor de construir um "lugar" comum entre duas culturas, duas formas de vida e uma possibilidade de trânsito intercultural. Essa preocupação do autor em aproximar sua obra a leitores não índios define uma característica própria das textualidades produzidas pelos escritores indígenas, o valor histórico de luta, uma literatura que carrega a marca e a voz de milhões de povos excluídos e silenciados na história há mais de 500 anos.

A peculiaridade que envolve o conteúdo estético dessas obras as enquadra em um dos itens que podem ser observados por meio da teoria estético-recepcional, que observa não apenas o sentido e a forma da obra literária no desdobramento histórico de sua compreensão, mas procura conhecer sua posição e significação histórica no contexto da experiência literária (JAUSS, 1994).

Assim, a produção literária dos sujeitos autóctones pode ser entendida como um acontecimento, pois questiona problemas formais e morais da atualidade, levando o leitor a refletir para além da forma textual e linguística da obra e, sim, sobre a importância cultural, filosófica, psicológica e ideológica do mundo em que a obra está inserida.

A partir da primeira tese proposta por Jauss (1994) em sua teoria Estética da Recepção é possível observar que, por meio do diálogo entre o contexto do leitor e o contexto do autor

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

ou da obra em si, significados são construídos. A interpretação partirá do que é dado por esse texto e da capacidade dialógica desse leitor com as vozes presentes no texto.

Ao ter contato com a obra de Jekupé, o leitor é apresentado ao título do livro "Ajuda do Saci" que produz um misto de curiosidade e estranhamento, uma vez que mobiliza o conhecimento prévio do leitor sobre a figura lendária do folclore brasileiro - o Saci-pererê - conhecido como um moleque travesso e peralta, retratado em grande parte dos livros destinados às crianças como um curumim endiabrado, com uma perna só, cor morena, que usa um gorro vermelho e uma espécie de cachimbo. O uso do verbo "ajudar" no presente do indicativo "ajuda" mobiliza uma ideia diferente da figura pitoresca do saci, gerando dúvidas e curiosidade no leitor: essa ajuda do saci seria uma ajuda para fazer o bem ou leva a história para mais uma das travessuras provocadas pelo Saci-pererê?

Se, conforme Butlen (2016), o ato de leitura levanta também a questão da relação entre obra lida e o mundo real, o título do livro de Jekupé e a ilustração inicial da capa contribuem para esse diálogo entre obra e mundo real. A ilustração inicial apresenta um menino com traços físicos indígenas, colar de sementes e penas no pescoço, sem camisa, segurando nas mãos o *Petyguá* (cachimbo), objeto ritual dos *Guarani*. O que contribuiu para instaurar a dúvida no leitor, pois não sabe se é a imagem do saci ou a representação de uma criança indígena. São construções que ficam nos implícitos do texto.

O projeto editorial em que se insere esse trabalho envolve o leitor na ambiência da mata, do mato, com cores mais próximas da natureza, como o verde das árvores, o marrom da terra, o azul celeste, impressas em papel reciclado, compondo, no seu conjunto, uma perspectiva mais ecológica, representando o mundo real dos povos indígenas, sua sintonia com a natureza, como também o verdadeiro habitat do Saci, as matas.

É da perspectiva de um narrador em terceira pessoa que se apresenta a rotina de Verá[3], "um indiozinho de 7 anos que sonhava em estudar na cidade e ter o conhecimento dos *juruá*[4]. Acreditava que, aprendendo a ler e a escrever na língua portuguesa, poderia ajudar a defender o seu povo". (JEKUPÉ, 2006, p. 7). Diante da insistência de Verá, o pai o leva para a cidade, e com a ajuda de um casal de não índios o menino é matriculado em uma escola. Ansioso para o início das aulas, o pequeno índio passa a conhecer um pouco da rotina da cidade grande.

[3] Vera: nome indígena que significa relâmpago. (JEKUPÉ, 2006, p. 7).
[4] Jurua: não índio. (JEKUPÉ, 2006, p. 7).

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

É interessante observar como o autor constrói a relação do índio com o não-índio, essa relação não é destacada como um embate ou uma forçosa aculturação, é do menino índio que parte o interesse em saber mais sobre a cultura dos brancos e esse processo contribuiu para o crescimento cultural de ambos os grupos. Essa aproximação pode ser evidenciada através da acolhida calorosa e respeitosa que Vera recebe do casal de não índios e da diretora da escola,

> quando chegaram à casa do casal, dona Lúcia os convidou para entrar, [...] pode contar com a gente. Vamos dar toda a ajuda que pudermos. [...] a escola não ficava longe [...] Seu José cumprimentou a diretora, alegremente. [...] Em seguida, ele apresentou os dois: - Esses índios guarani são meus amigos. Muito prazer! – exclamou a diretora, surpresa por ser a primeira vez que atendia a uma família indígena. (JEKUPÉ, 2006, p. 9).

Diante disso, tomamos as reflexões apresentadas por Jauss (1994) na segunda tese, em que o autor evidencia que a obra literária se reporta ao já conhecido, ao "saber prévio" do leitor. Assim, a obra predetermina a recepção, oferecendo orientações a seu destinatário. Em *Ajuda do Saci*, Jekupé mobiliza o conhecimento de mundo do leitor, antecipando os acontecimentos de sua obra, não é comum a presença de indígenas em escolas de não índios, porém o autor apresenta esse fato com o objetivo de promover um diálogo intercultural, uma educação voltada para o respeito às diferenças e inclusão do índio na sociedade.

Se, conforme Butlen (2012), a compreensão de cada leitor depende das inferências culturais que são acionadas no momento da leitura, a obra produzida por Jekupé (2006) romperia com o horizonte de expectativas criado pelo leitor, uma vez que o autor leva o receptor a imaginar que a chegada de Verá na escola dos *Jurua* causaria estranheza e não aceitação do menino índio pelos garotos não índios: "Alguns garotos olharam para ele de maneira diferente. Seria pelo corte do cabelo, pelo jeito de se vestir ou pelo seu modo de falar?". (JEKUPÉ, 2006, p. 11). Porém, no desenrolar da narrativa, Jekupé (2006) desconstrói essa ideia, apresenta o menino índio como diferente, no entanto essa diferença é marcada apenas pelos traços culturais, evitando estabelecer um conflito entre o menino e os *Jurua*, valorizando assim, uma educação voltada ao reconhecimento e aceitação do outro,

> cada dia que passa, Verá aprendia mais. Gostava de escutar tudo o que a professora falava, encantava-se com as letras, com as palavras, com as histórias escritas nos livros. Adaptou-se rápido à escola. [...] A professora o

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

> admirava cada vez mais. [...] Seus amigos não indígenas ficavam impressionados com sua inteligência e ao verem que ele, além de falar guarani, falava também português. Vera ensina aos colegas as palavras que queriam saber em guarani. (JEKUPÉ, 2006, p. 17).

Nesse sentido, cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção, segundo Jauss (1994), é um fato social. O leitor ao ler a narrativa literária indígena de Jekupé (2006) evidencia, imediatamente, que os alunos não índios perceberam a diferença existente entre eles e o menino guarani, porém a diferença não é apresentada como um veículo para discriminação, mas a oportunidade de um diálogo intercultural. Dessa forma, a literatura indígena promove a reflexão do leitor sobre a presença do "outro" daquele que é diferente, contribuindo para formar leitores competentes e críticos sobre essas questões. Este é o horizonte de expectativas que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo e representatividade.

A obra *Kamba'i - Ajuda do Saci* constitui-se em um conjunto de vozes que abordam diferentes questionamentos sociais e isso despertará no leitor expectativas diante dos acontecimentos narrados. Essa questão assinala a importância da terceira tese de Jauss (1994), a reconstituição do horizonte de expectativa. Jauss (1994) acredita que o valor decorre da percepção estética que a obra é capaz de suscitar.

O menino índio é apresentado por Jekupé (2006) como diferente e impressiona pela sua rápida adaptação à escola dos *Jurua*. O leitor começa a acreditar que Verá é completamente feliz na cidade, o que poderia caracterizar um afastamento do pequeno índio aos valores e traços culturais da sua comunidade. As ilustrações contribuem para a validação dessa ideia, o menino, que antes corria descalço e sem camisa pela aldeia, aparece agora, vestido como os demais garotos, no espaço urbano. Assim, o leitor é transportado para diferentes cenários durante a leitura e neles vão sendo mesclados elementos e artefatos de duas culturas distintas.

Há nessa etapa a reconstrução do horizonte de expectativa na obra de Jekupé (2006). A cidade, que começava a mostrar-se atrativa aos olhos do pequeno Verá, começa a apresentar suas adversidades. Dois mundos distintos são revelados ao leitor, as cenas ambientadas na aldeia mostram, tanto através do texto verbal quando do imagético, crianças em plena atividade, colhendo frutos, subindo em árvores, jogando futebol, ajudando seus pais

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

nas atividades cotidianas da vida na aldeia, conforme Jekupé (2006, p. 17), a criança da aldeia:

> ajudava seus pais a fazer artesanato, buscava lenha para fogueira. [...] depois disso, tudo era brincadeira. Ia com seus amigos à mata buscar madeira para fazer os próprios brinquedos, inventava brincadeiras e regras, fazia bichinhos de madeira e de barro. [...] Verá gostava quando as crianças eram chamadas para cantar as músicas de seus antepassados. Suas vozes soavam com violinos acompanhando o instrumento do indígena mais velho. Os pés descalços acompanhavam o ritmo da música. (JEKUPÉ, 2006, p. 17).

Em contrapartida, a vida das crianças urbanas é caracterizada pela ausência de autonomia e mobilidade, representação que pode ser evidenciada através das palavras do próprio protagonista, ao contar para os meninos da aldeia sobre os costumes dos meninos da cidade:

> Verá sentou-se com eles embaixo de uma árvore e falou sobre os costumes dos meninos da cidade. Contou que passam muito tempo sentados em frente a aparelhos, assistindo a programas de televisão ou jogando videogames. [...] quem mora em casa não pode brincar na rua. As ruas são movimentadas e perigosas. Além disso, as crianças têm muitos compromissos. Vão para as aulas de inglês, de natação, de caratê. Eu acho que os pais arrumam coisas para eles fazerem porque não têm tempo de ficar com eles. Por falar nisso, que tal nadar no rio e depois brincar de caçar? Sinto falta de correr e brincar ao ar livre. (JEKUPÉ, 2006, p. 13).

O ambiente da cidade passa a ser descrito como um espaço de perigos, acidentes e mortes, o que de certa forma prepara o leitor para os acontecimentos subsequentes. A reconstrução do horizonte de expectativas do leitor, levado a acreditar, no início da história, no sucesso da inserção do menino guarani na escola dos *Jurua*, ocorre a partir do momento em que é apresentada a verdadeira visão do autor sobre a cidade para os índios.

> Para realizar seu desejo, Verá teria de ir para a cidade grande, onde sempre acontecem acidentes, assaltos e mortes, como mostram as notícias dos jornais e da televisão. Por isso, seus pais temiam que algo ruim lhe acontecesse. (JEKUPÉ, 2006, p. 7).

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

O leitor é confrontado com uma realidade pouco discutida na atualidade, a exclusão social e a dificuldade de acesso à educação a que são expostos os grupos indígenas. O narrador mostra a visão de uma cidade cheia de perigos, para onde os índios devem ir com muita cautela. Dessa forma, a obra literária indígena possibilita que sejam feitos vários questionamentos sobre as diferentes vivências, contrapondo a imagem do indígena em contato com a natureza diante da vida agitada e perigosa dos moradores da cidade. O que leva o leitor a reflexão sobre os verdadeiros desejos dos grupos indígenas e a falta de escolas e educação dentro das suas comunidades, obrigando esses povos a migrarem da aldeia para a cidade a fim de buscarem melhores condições de vida.

Conforme Butlen (2012b, p. 36), "o ato de leitura levanta também a questão da relação entre a obra lida e o mundo real. [...] o autor trabalha para fazer acreditar no que ele conta e o leitor pode sentir um "efeito de realidade"". Tal questão está muito presente nas obras literárias produzidas pelos autores indígenas, em que a experiência estética é construída através do contato com o leitor à cosmologia indígena, ultrapassando o âmbito da informação sobre o índio comumente trabalhada no Ensino de História. Essa cosmologia insere o leitor no universo da cultura desses povos, permeado por plantas, animais e humanos em constante sintonia.

A ênfase da literatura indígena não está na estrutura ou no estilo do texto, a ênfase é dada na reflexão que essas obras buscam proporcionar ao leitor. Para Butlen (2012b), ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção.

Na obra *Kamba'i - Ajuda do Saci*, a capacidade de reflexão do leitor perante os acontecimentos narrados mostra-se crucial para o entendimento da cultura indígena, suas crenças, afirmação da memória e ancestralidade. Questões colocadas em evidência no momento mais triste da narrativa de Jekupé (2006). Verá, no último dia de aula, sofre um acidente, ao sair da escola é atropelado por um motorista bêbado em alta velocidade,

> saiu da escola feliz por ter sido aprovado e alegre por saber que voltaria para a aldeia, onde ia rever seus pais e seu povo. Distraído em meio a esses pensamentos, Vera atravessou a avenida. Nisso, um carro que vinha em alta velocidade desrespeitou o sinal vermelho e atingiu Vera. O motorista, que

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

> foi preso mais à frente, estava embriagado e não parou para socorrer o garoto. (JEKUPÉ, 2006, p. 21).

O acidente deixa o menino Verá em coma por um bom tempo e, mais tarde, imobilizado, passando a maior parte do tempo deitado em uma cama. Ao retornar para a Aldeia o pequeno índio é tomado pela tristeza e sofrimento, evitando o contato com as outras pessoas da tribo.

Há na obra de Jekupé (2006) o "feito de realidade" descrito por Bluten (2012b), uma vez que o acidente sofrido pelo menino Verá leva o leitor a se assustar com os fatos relatados que podem parecer tão convincentes e verdadeiros "que ele fica profundamente perturbado e afetado como se os tivesse vivido ele próprio". Essa ilusão referencial, segundo o autor, aciona um jogo de atividades cognitivas diferentes, levando o leitor, muitas vezes, a uma adesão "tão inesquecível que se torna uma das grandes fontes do prazer de ler" (BUTLEN, 2012b, p. 36-37).

Se, por um lado, o acidente do pequeno índio deixa o leitor em dúvidas sobre o futuro da criança, contribui para consolidar alguns questionamentos surgidos no momento da primeira recepção do leitor à obra, a verdadeira influência da figura folclórica - Saci - na narrativa indígena. Nesse processo, nos deparamos com o conceito de fusão de horizontes, proposto por Jauss (1994) em sua quarta tese. Trata-se de uma fusão de dois horizontes, um, implicado pelo texto, e o outro, trazido pelo leitor com sua leitura. A narrativa de Jekupé (2006) assume então, o papel de apresentar para o leitor um ideário do personagem mítico - Saci - diverso da construção popularizada por Monteiro Lobato, que já faz parte do imaginário popular.

Preocupado com a situação do filho, o pai de Verá decide procurar ajuda do personagem mítico. Ao adentrar pela mata e gritar pelo nome de *Kamba'i* o pai do pequeno índio apresenta ao leitor uma nova construção da imagem desse personagem: "grande protetor dos animais e da floresta, se estiver me ouvindo, apareeeeça". (JEKUPÉ, 2006, p. 26). *Kamba'i*, como é conhecido o Saci em guarani, é retratado na obra de forma a assegurar que é a visão guarani do mito que prevalece na tradição oral e textual indígena. Segundo Graça Graúna, o Saci é um

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

> [...] protetor dos homens e das matas, ou como personagem que se identifica com quem se vê ou se sente diferente, ou até mesmo deslocado dentro ou fora da aldeia. Na sua alteridade, o Saci indígena não usa gorro. Têm as duas pernas e carrega no pescoço um colar, ou baêta. (GRAÚNA, 2013, p. 158).

Dessa forma, o autor contradiz a imagem do folclore brasileiro, o Saci é representado na figura de um menino indígena com um cachimbo, tem duas pernas, não é negro e não usa carapuça. O que lhe dá poderes é um colar chamado Baêta, "sem ele, não consegue fazer nada". (JEKUPÉ, 2006, p. 27). É uma entidade da floresta que ajuda os homens e, ao contrário do que diz Monteiro Lobato – que ele morre de sete em sete anos para que um novo saci nasça do taquaral, na versão indígena, ele não morre nunca.

A narrativa descreve o ritual realizado pelo pai para atrair o *Kamba'i*, que visita o menino Verá e realiza a cura. Não há, assim, rupturas entre um plano supostamente real e outro, presumivelmente mítico (indistinção que marca, aliás, muitas das cosmologias indígenas, nas quais o natural e o sobrenatural coexistem e complementam-se).

> Verá não despregava os olhos de Kamba'i. Acompanhava boquiaberto tudo o que Kamba'i fazia. De repente, esqueceu que estava doente, levantou e parecia que queria tocar em Kamba'i. [...] Kamba'i dançou, pulou, rodopiou e foi em direção à porta. Verá, não querendo que ele fosse embora, saiu atrás dele. Quando viu, estava andando. [...] foi Kamba'i que ajudara o indiozinho... (JEKUPÉ, 2006, p. 28).

A fusão de horizonte pode ocorrer, segundo Jauss (1994) de maneira espontânea, quando o leitor percebe que o verdadeiro elo da narrativa de Jekupé é o Saci indígena (*Kamba'i*) representado no texto, não por acaso, mas com o objetivo de mostrar ao não índio a cultura ancestral do povo guarani, possibilitando ao leitor conhecer o Saci assim como os povos antigos o conheciam.

A narrativa do livro conta com a imaginação dos leitores, com o inusitado, com o imprevisível. Nessa etapa é possível considerar a quinta tese da teoria da Estética da Recepção proposta por Jauss (1994), que implica levar em conta a história dos efeitos, isto é, a experiência literária que propiciou a leitura das obras. Zilberman (1989, p. 37) atenta para o fato de que "uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu; muitas vezes, sua importância cresce ou diminui no tempo, determinando a revisão de épocas passadas em relação à percepção suscitada por ela no presente".

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

Kamba'i nos ensina a curar os preconceitos e as discriminações contra os povos indígenas, nos leva a perceber a riqueza cultural do povo guarani, levando o leitor a apreciar o modo particular do indígena ao se relacionar com a natureza. Passado e presente se mesclam na obra de Jekupé, os valores dos grupos indígenas, tão julgados e desprezados no passado, são apresentados ao leitor e ganham novos significados na personificação do lendário Saci, desenvolvendo seu horizonte de expectativas, pois atinge receptores de diferentes épocas e idades, permitindo novas leituras em diferentes momentos históricos.

Conforme evidencia Jauss (1994) em sua sexta tese, as obra postas em destaque e que provocam efeitos (sincrônicos) são aquelas em que foi feita análise do simultâneo e das mudanças, comparando os cortes e descobrindo os pontos de intersecção, a fim de definir seu caráter articulador e acionando o processo da "evolução literária" em seus momentos formadores e nas rupturas. Nesse contexto, a narrativa literária indígena de Olívio Jekupé destaca-se pela sua contribuição no processo de reconhecimento da evolução da escrita indígena, uma literatura que abre caminhos para o leitor experienciar o universo indígena, de compreender a cultura do outro pela realização da leitura.

Sobre o papel que a obra literária exerce na sociedade, servimo-nos da sétima e última tese proposta por Jauss (1994) que articula as relações da literatura com a sociedade. Nas palavras de Zilberman (1989, p. 38), a literatura "pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu comportamento social". Nesse contexto, o acesso à literatura indígena proporciona o conhecimento da pluralidade cultural do país, o que implica promover também a liberdade e igualdade de expressão, o exercício da cidadania e, consequentemente, o distanciamento de pré-julgamentos baseados em visões estereotipadas e pejorativas do outro e de sua cultura. A produção textual indígena busca desenvolver uma ligação duradoura com o leitor, ajudando-o a compreender melhor o mundo que o cerca. E essa compreensão atinge seu apogeu quando a obra confronta o conhecido, ou seja, contraria as expectativas, criando novas e interessantes possibilidades.

Considerações finais

Ao tomarmos os estudos desenvolvidos pela Estética da Recepção como estratégia de leitura e conhecimento da obra literária, evidenciamos que esse método mostra-se amplamente atual e propício para a aplicação em obras produzidas na contemporaneidade,

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

pois permite uma abordagem diferenciada para o resgate dos conhecimentos prévios do leitor, ampliando seus horizontes de expectativas.

A partir da análise da obra literária indígena *Kamba'i - Ajuda do Saci*, identificamos que a leitura só se concretiza quando passa a ser significada para o leitor. Dessa forma, o método recepcional apresenta-se como uma importante estratégia para se alcançar esse fim, uma vez que o leitor passa a ser reconhecido em seu papel ativo na construção do sentido de uma obra literária, de modo a não estar limitado à apreensão de um sentido dado, mas envolvido em um processo dinâmico com o texto.

De acordo com as perspectivas teóricas de Jauss (1994) e Butlen (2012a, 2012b) é no trabalho de parceria entre autor e leitor que há a possibilidade de atribuição de significado a qualquer texto. O autor oferece índices do que pode ser interpretado, mas cabe ao leitor atribuir significados ao que lê. O autor direciona o seu leitor, porém os espaços vazios, as lacunas serão preenchidas conforme a experiência de leitura que este possui.

Diante das considerações observadas, a produção literária indígena apresenta-se como uma possibilidade para a construção de um leitor crítico e competente, pois possibilita o contato com o diferente, com outros valores, outros mundos. Certamente, essas narrativas contribuem para a construção do horizonte de expectativa do receptor, uma vez que há a valorização da história, dos costumes, da língua - riqueza imaterial, que representa o poder de um povo para estabelecer relações.

A literatura indígena, assim, ganha destaque pelo seu valor estético e literário, já que expõe uma realidade diferente daquela que conhecemos, rompendo com valores predeterminados e estereótipos construídos.

Para Butlen (2012b), o prazer de ler não se resume a mera decifração dos signos linguísticos, mas resulta da confrontação com a biblioteca interior de cada leitor, ou seja

> o leitor passa a apreciar os efeitos, a qualidade, a relevância, a riqueza das técnicas implementadas (ou não) pelo autor para seduzir, persuadir, entreter ou dar a pensar aos leitores. A leitura se torna, assim, uma experiência estética singular, uma prática cultural que gera trocas entre leitores, confrontos, sociabilidade, uma postura crítica. Esta outra descoberta é fonte de poder intelectual, cultural, social. (BUTLEN, 2012b, p. 37).

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

A literatura indígena surge com o objetivo de despertar o prazer de ler, libertar o leitor de adaptações, prejuízos e constrangimentos de sua vida prática, obrigando-o a uma nova percepção das coisas. O horizonte de expectativas da literatura indígena conserva experiências passadas, mas também antecipa a possibilidade irrealizada, alarga o campo limitado do comportamento social a novos desejos, aspirações e objetivos e com isso abre caminho à experiência futura.

Ler, possivelmente seja uma das melhores formas de habitar outros mundos e a Estética da Recepção aposta na ação do leitor, pois dele depende a concretização do projeto de emancipação que justifica a existência das criações literárias.

Abstract: The main objective of this work is to reflect on the relation between text and readers, taking indigenous literature as a possible reading approach, which can problematize concepts, deconstruct stereotypes and promote thoughts on the presence of indigenous people through the history of Brazil. It can promote an education of critical and competent readers. In this sense, the research aims to collaborate on the progression on the investigations about the importance of the Reception Theory as a strategy to understand the literary work, since as this method allows different approaches to the achievement of the prior knowledge from students on the indigenous thematic. It can expand the horizons of expectation of the students. To this analysis, we considered the literary work *Ajuda do Saci Kamba'I*, written by Olívio Jukepé, which allows one to experience an intercultural proposition, since the text approaches the contact between the Indian with the Other, appreciating an education to the difference. The research has as the main theoretical framework the studies of Thiél (2012), who affirms that reading indigenous literature is a way to problematize concepts and deconstruct stereotypes. Also, Graúna (2013), a researcher and Professor with indigenous origin, who affirms that the literature of autochthonous people is a place of confluence of silenced and exiled (written) voices, an instrument of fight and surviving. The studies of Zilberman (1989) and Jauss (1944) are used to validate concepts and reflections upon the Reception Theory shown along the whole analysis. Regarding to the determinant role of reading strategies to understand a literary text, we expatiate on the considerations performed by Professor Max Butlen (2012a, 2012b, 2008, 2016). The narrative of Olívio Jukupé is adequate to the application of this theoretical framework, since it demands for the reader to understand the contribution of indigenous peoples to the Brazilian culture as literature characters, while it instigates reflections on the perpetuation of stereotypes on society and, mainly, increasing the reader's horizons of expectation.

Keywords: Reading. Reader. Indigenous literature. Theory of Reception. Olívio Jekupé.

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017

Referências

BUTLEN, Max. Compreensão e interpretação literárias: duplo risco, da escola ao liceu. *Leitura*: Teoria & Prática, Revista Eletrônica da Associação de Leitura do Brasil (ALB), v. 30, n. 58, p. 5-15, mai/jun. 2012a. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/13/13>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. Para novas cooperações entre escolas e bibliotecas: retorno aos objetivos e missões. *Nuances*, Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, v. 21, n. 22, p. 32-41, jan./abr. 2012b. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1620/1556>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. O mundo da escrita não se resume à sala de aula e ao livro didático (Entrevista). *Letra A*, Jornal do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, n. 15, Ano 4, p. 12-14, ago./set. 2008. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/JLA/2008_JLA15.pdf>. Acesso em: 24 set. 2016.

_____. *As políticas de leitura, a formação de leitores, a formação de professores.* Passo Fundo: PPGL, 27 jun. 2016. Seminário especial ministrado aos professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade de Passo Fundo/RS.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura:* uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

THIÉL, Janice. *Pele silenciosa, pele sonora*: a literatura indígena em destaque. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção, p.189-199. In: BONNICI, Thomaz; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária:* abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e Historia da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

Recebido em: 04 jul. 2017
Aprovado em: 23 set.. 2017